



**FRONTEIRAS DE IGAPÓ: O CAMINHAR DO RISCO ENTRE TEATRO
RITUAL E *PERFORMANCE* NAS OBRAS “JURUNALDEIA” E “RETRATO
EM AMERÍNDIA SANGUE”**

ANA CAROLINA MAGNO DE BARROS¹

RESUMO: Este trabalho pretende caminhar pelo risco na pesquisa em artes que é encontrar fronteiras entre o teatro ritual e a *performance* dentro das obras “JurunAldeia” e “Retrato em Ameríndia Sangue”, que, respectivamente, fazem parte dos campos das artes da cena e artes visuais, compreendido aqui poeticamente como terras de igapó, por ser de difícil visibilidade e estabilidade. Tais obras foram vivenciadas durante os anos de 2017-2018 no bairro do Jurunas e no centro de Belém, e colocadas na rua em setembro e outubro de 2019 no Clube São Domingos Esporte Clube e Beneficente, e na Exposição “Cartografia da Fé” na Galeria Benedito Nunes, estas integram a pesquisa de doutorado “*Mulher-casa-cidade: ações performáticas de uma artista jurunense em diálogo com escritoras paraenses*” desenvolvida por mim, Carol Magno, artista-articuladora cultural-pesquisadora, dentro do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, orientada por Cesário Augusto Pimentel e co-orientada Larissa Latif, financiada pela CAPES.

PALAVRAS-CHAVE: Caminhar do risco; teatro ritual; *performance*; JurunAldeia; Retrato em Ameríndia Sangue.

UM INÍCIO

“JurunAldeia” e “Retrato em Ameríndia Sangue” são obras que venho desenvolvendo dentro de minha pesquisa de doutorado em Artes, na linha de Poéticas e Processos Criativos em Artes, intitulada “*Mulher-casa-cidade: ações performáticas entre uma artista jurunense em diálogo com escritoras paraenses*” no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, que está em andamento. Estas obras foram vivenciadas durante os anos de 2017-2018 no bairro do Jurunas e no centro de Belém, e colocadas na rua em setembro e outubro de 2019 no Clube São Domingos Esporte Clube e Beneficente, e na Exposição “Cartografia da Fé” na Galeria Benedito Nunes durante os meses de setembro e outubro do corrente ano.

JURUNALDEIA

JurunAldeia é um trabalho pensado por artistas nascidos e criados na periferia e feito para periferias de qualquer cidade brasileira. Começou a ser

¹ Bolsista Capes. Doutoranda e Mestre em Artes no Programa de Pós-graduação em Artes. Artista-articuladora Cultural-pesquisadora na Roda de Escritoras Paraenses e Coletivo Mergulho.



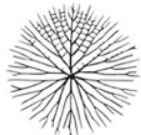
gestado a partir do diálogo com obra *Cão da Madrugada* de Eneida de Moraes; do caminhar dos atuantes pelas ruas do bairro do Jurunas, em Belém do Pará, e da observação e rememoração de vivências destes; de conversas com jurunenses mais velhos e mais novos; e do desejo insubordinado de fazer teatro para pessoas do lugar de onde vieram, para as quais o aparelho cultural estruturado da cidade sempre foi negado.

Por ter sido contemplado pelo VI Prêmio Proex de Arte e Cultura de 2017 da Universidade Federal do Pará, foi possível ter infraestrutura para efetuar um laboratório de um ano em vários pontos do bairro, desde casa de moradores até vilas, passagens, avenidas, e em especial no São Domingos Esporte Clube e Beneficente. Tal prática proporcionou aos atuantes perceber os vários modos de existir dentro desta realidade que é ora hostil, no que se refere a múltiplas violências presente no dia a dia e na fala desta população; e ora poética, no que concerne às várias manifestações artísticas circulando por ali como música (samba, pagode, brega, tecnomelody, rap, funk), dança (quadrilhas juninas, baile da saudade, dança de salão, break, balé), teatro popular (teatro de igreja, pássaro junino, e os antigos boi-bumbá e radionovela) e a mais famosa de todas, o Carnaval; e ainda, em sociabilidades como esporte (capoeira, futebol), cortejos (arrastão de escola de samba, de trio elétrico de aparelhagem, protestos, caminhadas de religiões católicas sincretizadas com religiões de matrizes indígenas e africanas), festejos e brincadeira de rua, entre outros.

Este ritual cênico apresenta trajetórias individuais e coletivas do bairro; traz imagens de uma ancestralidade mítica que seu nome evoca; repensa o imaginário construído pela mídia e pelo discurso oficial do governo ao longo do século XIX e XX, que o fizeram ser visto da forma preconceituosa e limitada, o que perdura até os dias de hoje; além de denunciar as várias formas de violência física e simbólica, política, social, seja imposta pelo poder público, seja pelo poder paralelo. E propõe ao espectador um olhar mais cuidadoso com o esse lugar, a fim de questionar seu presente e repensar a relação da cidade de Belém com o Jurunas, sem perder de vista outras periferias, a exemplo do bairro do Guamá e Condor, com os quais têm íntima relação.

RETRATO EM AMERÍNDIA SANGUE

No mês de outubro de 2017 me vi diante do Círio com a demanda familiar de cumprir promessa que minha mãe fez em 2016 ao me ver não entrar por duas vezes seguidas no doutorado, prometeu que se eu passasse no próximo ano ela estaria lá para agradecer o pedido atendido, e eu deveria estar junto já que o pedido era para mim. Acertei com ela de que iria, então, começou a produção de uma placa de “graça alcançada”, minha casa se transformou em ateliê e tudo girou em torno dessa ação por quase dois dias, isopor, cola quente, papel vermelho cor de sangue, rosário, letras brancas. Registrei tudo como recordação pessoal, sem saber que iria dialogar profundamente com toda aquela performance espontânea no dia do Círio fazendo a minha própria promessa. Vivi uma situação análoga ao texto “Promessa em azul e branco” de Eneida, escritora paraense, autora do livro



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

“Aruanda” (1957), que à época estava relendo e ensaiando para o experimento cênico em processo *Quando abro minha Aruanda*.

Nesta releitura, depois de aproximadamente 10 anos do referido texto me chegar às mãos, percebi a necessidade de falar novamente de violência de gênero, simbólicas e físicas, fato que vem ocorrendo desde 2007, com cenas apresentadas em saraus e também no espetáculo “Belém, um dia, um mês de 2008” apresentado no Museu de Arte de Belém, no qual levei para cena um episódio íntimo e familiar – um assassinato na minha família no ano de 2008, Kícia Magno foi golpeada a facadas pelo companheiro, que se sentia proprietário dela, essa barbárie, hoje com o nome de feminicídio, é assunto recorrente em minha vida – e se transformou em no vetor para minha pesquisa com mulheres nas artes.

O texto relido conta um episódio da autora que ao ver uma criança ser obrigada a cumprir ordens da mãe, lembra-se da promessa que sua avó fez ela usar vestidos azul ou branco até a adolescência, promessa para Nossa Senhora de Nazaré honra à vida de seu pai. A autora se questiona do porquê dos adultos não saberem dialogar com os pequenos, ser por meio da imposição – e em certa medida da repressão, por que ainda se sensibiliza com tais questões, por qual razão ainda se importava com tanto com os outros. Esta história me toca no sentido de que desde crianças somos educadas para a repressão, para aceitar a violência como algo naturalizado, cultural, e também pelo perspectiva dos dias atuais, quais promessas fazemos por nós, por nossas vidas nesse mundo em que uma mulher é morta a cada 11 minutos no país, tantas outras são traficadas e exploradas sexualmente, e outras ainda crianças como a da crônica também passam por isso. Dez anos depois consegui entender a importância do texto da referida autora, mas resignificando pela minha história, de uma mulher periférica nascida e criada em um chão lamacento de igapó, mas que ainda assim teve uma educação burguesa, mas que não se aproxima de uma mulher de uma classe favorecida como o da cronista, que viveu nasceu no início do século passado, e aproveitou os anos áureos da Belle Époque. No tempo dela só mulheres abastadas tinham acesso a estudo, ela teve, contudo, por imposição social teve que ceder ao patriarcado, casou-se e constituiu família, e depois que começou a trabalhar em jornal e participar da vida cultural da cidade de Belém, conheceu os textos anarquistas e comunistas, se desquitou na década de 1930, deixou para trás os filhos e se filiou ao partido comunista, foi torturada durante o Estado Novo, e posteriormente se transformou em jornalista cultural, sempre interessada em seu povo. É inegável a importância dessa mulher para nós, mulheres amazônidas, porém, na atualidade ficam claras questões de classe e de raça por detrás de toda esta emancipação, fato que ficaria muito mais difícil para mulheres negras e indígenas de sua época.

Esta performance está dividida em duas (2017 e 2018), é para mim uma reflexão do que vem a ser uma promessa e quais graças queremos alcançar, sobretudo nós, mulheres que nascemos e crescemos em periferias da região, no meu caso o Jurunas. Para nós da periferia, a violência de gênero é tão presente que é comum ouvir ou ver histórias dos mais variados tipos de



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARA
AMAZÔNIA**

violência, desde assassinatos como os relatado acima quanto os de tráfico na figura de uma prima, amiga, vizinha que foi “ganhar a vida” nas Guianas, e nunca mais voltou. Ou àquelas que vão trabalhar em casa de família e desaparecem no mapa. E quando questionamos ou denunciemos todas estas violências íntimas, ou mesmo tão próximas, quando saímos da teoria e contamos o que rasga nossa carne, literalmente?

UM FIM PROVISÓRIO

Para a compreensão destas obras caminhamos pelo risco no campo das artes, que é encontrar a fronteira de igapó onde percebemos que está o teatro ritual e performance, este primeiro entendido a partir dos estudos de Antonin Artaud como um lugar onde se deveria buscar novamente o sagrado, o ritual perdido de seus primórdios para assim se chegar a uma forma artística que de fato transforme a vida de quem participa desta experiência seja em cena seja como espectador-participante, e neste processo de criação do “JurunAldeia” várias fronteiras se misturaram porque a população do bairro do Jurunas entrou conosco no espaço ritualizado com suas histórias pessoais, seus corpos, suas ancestralidade e sagrado negra e indígena, além de evocarmos um passado mítico que envolve seu nome e a formação da cidade de Belém, quando chamamos o Povo Yudjá, nos cantos e toques de maracá. E a fronteira se enlameia ainda mais quando trazemos as pessoas para brincarem com o boi que ressuscitamos no ritual e tocamos em um dos pontos de contatos de Richard Schechner (2013) que remetem à interação entre público e performer e transmissão de conhecimentos performáticos, haja vista que muitas pessoas só conhecem o referido boi pelo corpo dos atores-performers, dialogando aqui com Cassiano Sydow Quilici.

E durante a performance “Retrato em Ameríndia Sangue” em que trago questões íntimas, entendidas a partir de estudos feministas presente em Rago (2013), enlaçadas com a literatura criando uma poética saída do terreno lamacento do meu bairro de infância, com histórias vividas, ouvidas, ficcionalizadas e transformadas em consciência ou ser – como referenda novamente Richard Schechner (2013) – artística e politicamente tanto para quem faz, no caso eu, quanto com quem troco, isto é, uma grande quantidade de mulheres de todas as idades durante a maior procissão do mundo que é em Belém, o Círio de Nazaré.

Estas vivências poéticas aqui discutidas vêm nos mostrar que o caminho entre as artes visuais e o teatro, ou mais especificamente o teatro ritual e a performance, estão muito mais misturadas e imbricadas do que deseja qualquer divisão cartesiana do conhecimento em áreas ou linhas.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.



- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do Sagrado – estudos de religião e ritual*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CACCIARI, Massimo. *A cidade*. Barcelona: Editoria Gustavo Gilli, SL, 2009.
- CASTRO, Fábio Fonseca. *Entre o mito e a fronteira*. Belém: Labor Editorial, 2011.
- COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz do Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DI MONTEIRO, Altemar. *Caminhares periféricos: Nós de Teatro e a potência do caminhar no teatro de rua contemporâneo*. Fortaleza, Belo Horizonte: Piseagrama, 2018.
- ENEIDA. *Cão da Madrugada*. São Paulo: Livraria José Olympio, 1954.
- GIANETTI, Eduardo. *Elogio do vira-lata e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MANITO, João Jurandir. *Foi no bairro do Jurunas: a trajetória do Rancho Não Posso Me Amofiná*. Belém: Editora Bresser Comunicação e Produções Gráficas, 2000.
- MENEZES, Bruno de. *Boi bumbá – auto popular*. 2º Ed. Belém: Imprensa Oficial, 1972.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro da diferença*. Rio de Janeiro, Sextante, 2002.
- NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1995.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- QUILICI, Cassiano Sydow. *O ator-performer e as poéticas da transformação de si*. São Paulo: Annablume, 2015.
- RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se – feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- RISÉRIO, Antônio. *Mulher, casa, cidade*. São Paulo, Editora 34, 2015.
- RODRIGUEZ, Carmem Izabel. *Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano*. Belém: Editora Naea, 2008.
- SARAIVA, Márcia Pires. *Identidade multifacetada: a reconstrução do “ser indígena” entre os Juruna do Médio Xingu*. Belém: UFPA/Naea, 2008.
- SCHECHNER, Richard. *“Pontos de contato” revisitados*. Antropologia e performance: ensaios napedra. Organizadores: Jonh Dawsey; Regina Moller; Mariana Monteiro [et al]. São Paulo: Terceiro nome, 2013.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário – cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SINISTERRA, José Sanchis. *Da literatura ao palco: dramaturgia de textos narrativos*. São Paulo: É realizações, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TAYLOR, Diana. *Traduzindo performance*. Antropologia e performance: ensaios napedra. Organizadores: Jonh Dawsey; Regina Moller; Mariana Monteiro [et al]. São Paulo: Terceiro nome, 2013.